

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

ANA LUIZA SANTANA VARELA

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: INTERSECCIONALIDADE E A QUESTÃO DE
GÊNERO NO ABUSO INFANTIL EM *SAPATO DE SALTO*, DE LYGIA BOJUNGA

BRASÍLIA

2024

ANA LUIZA SANTANA VARELA

ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: INTERSECCIONALIDADE E A QUESTÃO DE
GÊNERO NO ABUSO INFANTIL EM *SAPATO DE SALTO*, DE LYGIA BOJUNGA

Monografia apresentada ao Departamento de
Teoria Literária do Instituto de Letras da
Universidade de Brasília, como parte das
exigências para obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Estides Delgado

BRASÍLIA
2024

Dedico esta monografia a toda criança e mulher que já sofreu abuso sexual ou foi obrigada a passar por situações difíceis para sobreviver.

AGADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Rita, por ter me proporcionado a oportunidade de estudar, por acreditar em mim e por transformar suas preocupações em incentivo e apoio incondicional. Amo você, minha guerreira.

Agradeço à minha filha, Sarah, que iluminou os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimento para melhorar todos os dias. Você me abraçou todas as vezes que eu ia virar a madrugada escrevendo, demonstrando o amor que você sente por mim. Amo você, meu amorzinho.

Agradeço ao meu esposo, Paulo Henrique, que de forma especial e carinhosa me deu força, coragem e foi minha válvula de escape, meu apoio emocional e me ouviu sem parar sobre o processo de escrita desta monografia. Amo você, meu porto seguro.

Agradeço à minha irmã, Natalia, e aos meus sobrinhos, Rafa e Octávio, que sempre me perguntavam como estava o andamento da escrita. Isso me motivava a querer continuar e me lembrava do meu potencial. Amo vocês, meus companheiros de jogos.

Agradeço à minha sogra, Penha, à minha cunhada, Carol, e à tia do meu esposo, Francisca, por sempre torcerem por mim e pelo meu crescimento. O apoio de vocês foi um lembrete do que realmente importa. Amo vocês mais que chocolate.

Agradeço à minha melhor amiga, Amanda, que mesmo distante, sempre esteve presente com conselhos úteis, com palavras motivacionais e puxões de orelha. Amo você, minha eterna veterana.

Por fim e não menos importante, agradeço ao meu professor e orientador, Gabriel Estides Delgado, por ser tão gentil e paciente, pelo suporte e pelas suas correções e incentivos.

*A bem dizer, esse mundo não está
absolutamente livre do perigo*

A teoria do romance, György Lukács

RESUMO

Sapato de Salto, escrito por Lygia Bojunga e lançado em 2006, é um romance juvenil que, apesar de ser recomendado para jovens, trata de temas complexos inadequados para crianças. A narrativa aborda a história de Sabrina, uma menina de 10 anos e órfã que enfrenta abusos sexuais e abandono familiar. Diante da falta de suporte, ela se vê obrigada a buscar a prostituição para sobreviver, refletindo as falhas sociais e a negligência adulta na proteção de crianças vulneráveis. Também há Andrea Doria, um adolescente apaixonado por um adulto mais velho, revelando dinâmicas complexas de poder, manipulação e a normalização do estupro quando relacionado a meninos adolescentes. O estudo busca entender como a teoria da interseccionalidade pode oferecer uma análise mais profunda e ajudar a mitigar casos de abuso, além de examinar as disparidades de gênero no contexto do abuso, revisar a literatura existente e avaliar a efetividade das políticas públicas vigentes. Esta investigação é justificada pela necessidade de uma compreensão integrada das intersecções entre gênero e abuso infantil, áreas frequentemente tratadas de forma isolada na literatura e nas políticas públicas. A metodologia utilizada é descritiva-analítica, com foco na análise textual e crítica da obra *Sapato de Salto*, empregando técnicas de análise de conteúdo para identificar representações de gênero e interseccionalidade, complementadas por estudos de caso e dados estatísticos recentes. A monografia visa contribuir para uma compreensão mais abrangente e crítica dessas intersecções, a fim de sensibilizar a sociedade para a gravidade do abuso infantil.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Abuso sexual infantil; Lygia Bojunga; *Sapato de Salto*

ABSTRACT

Sapato de Salto, written by Lygia Bojunga and released in 2006, is a young adult novel that, despite being recommended for young people, deals with complex themes unsuitable for children. The narrative covers the story of Sabrina, a 10-year-old orphan girl who faces sexual abuse and family abandonment. Faced with a lack of support, she is forced to turn to prostitution to survive, reflecting social failures and adult negligence in protecting vulnerable children. There is also Andrea Doria, a teenager in love with an older adult, revealing complex dynamics of power, manipulation and the normalization of rape when related to teenage boys. The study seeks to understand how intersectionality theory can offer a deeper analysis and help mitigate cases of abuse, in addition to examining gender disparities in the context of abuse, reviewing existing literature and evaluating the effectiveness of current public policies. This investigation is justified by the need for an integrated understanding of the intersections between gender and child abuse, areas often treated in isolation in literature and public policy. The methodology used is descriptive-analytical, focusing on the textual and critical analysis of the work *Sapato de Salto*, employing content analysis techniques to identify representations of gender and intersectionality, complemented by case studies and recent statistical data. The monograph aims to contribute to a more comprehensive and critical understanding of these intersections, in order to raise society's awareness of the seriousness of child abuse.

Keywords: Intersectionality; Child sexual abuse; Lygia Bojunga; *Sapato de Salto*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Intersecção	13
Gráfico 1 - Faixa etária das crianças e adolescentes vítimas de estupro de vulnerável (até 13 anos), por sexo, 2022.....	21
Gráfico 2 - Relação entre vítima e autor, estupro de vulnerável com registro de autoria (até 13 anos) Brasil, 2022.....	22
Gráfico 3 - Raça/cor das crianças e adolescentes vítimas de estupro de vulnerável (até 13 anos), 2022.....	22
Tabela 1 - Número absoluto de estupros por UF, 2020.....	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	INTERSECCIONALIDADE E SUAS RELAÇÕES EM SAPATO DE SALTO...	12
2.1.	MARCADORES IDENTITÁRIOS	15
2.1.1.	Gênero.....	15
2.1.2.	Orientação sexual	16
2.1.3.	Classe social	17
2.1.4.	Gerações.....	17
3	QUESTÃO DE GÊNERO E ABUSO INFANTIL NO BRASIL	18
3.1.	LEIS, ESTATÍSTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS	18
3.1.1.	Leis que abordam estupro e vulneráveis e suas punições	18
3.1.2.	Estatísticas do estupro de vulneráveis no Brasil	20
3.1.3.	Políticas Públicas implementadas no Brasil.....	24
3.2.	IMPACTO DO ABUSO INFANTIL NAS PERSONAGENS	26
4	RELEVÂNCIA CRÍTICA E TÉCNICAS LITERÁRIAS	28
4.1.	FORTUNA CRÍTICA DE LYGIA BOJUNGA	28
4.2.	RECURSOS ESTILÍSTICOS EM "SAPATO DE SALTO"	30
4.2.1.	Uso de Metáforas e Simbolismos.....	30
4.2.2.	Estrutura Narrativa Não Linear	31
4.2.3.	Diálogos Autênticos e Narrativa Visual	32
4.2.4.	Metanarrativa.....	33
4.2.5.	Estilo Linguístico e Tom	34
4.3.	NARRADOR	35
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Sapato de Salto é um romance infanto-juvenil escrito pela escritora gaúcha radicada no Rio de Janeiro Lygia Bojunga. Foi publicado pela primeira vez em 2006, porém a edição analisada nesta pesquisa será a 3ª edição, de 2018. Esta obra recebeu o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil como Altamente Recomendável para o Jovem. Devido ao enredo e, embora seja classificado como infanto-juvenil, o livro não é apropriado para o público infantil.

No romance, acompanha-se a história da protagonista, Sabrina, uma criança órfã que, aos 10 anos, vai trabalhar como babá de duas crianças, na casa de dona Matilde e seu Gonçalves. Lá ela é abusada sexualmente pelo patriarca que, toda noite deixava um presentinho, um “segredo azul fraquinho” (p. 20)⁵. Depois Sabrina era violentada psicológica e fisicamente pela matriarca que a culpava pelo segredo forçado. Percebe-se que a atitude de dona Matilde é o exemplo de uma sociedade que quase sempre culpabiliza a vítima pelo abuso sofrido.

Após algum tempo morando com eles, surge tia Inês que busca juntar a família novamente e resgata Sabrina, levando-a para morar com ela e sua avó, dona Gracinha. Em uma conversa posterior, tia Inês conta para Sabrina que sua mãe, Maristela, escolheu sair de casa após graves repreensões machistas de dona Gracinha ao descobrir que estava grávida dela e, como forma de subsistência, prostitui-se até ganhá-la e depois se suicida. Também, fica sabendo que a avó psicotizou ao saber da morte de Maristela.

Sabrina é muito observadora e, além de descobrir a história da mãe, vê que sua tia tem muitos sapatos e esconde neles o dinheiro que ganha como professora de dança e fazendo programa. Através da dança, conhece Andrea Doria, um garoto de 13 anos que é apaixonado por Joel, um jovem adulto de 19 anos, que aproveitando de sua ingenuidade o estupra. Porém, essa questão é percebida como irrelevante e não tem um aprofundamento sobre o assunto.

Pouco depois, tia Inês é assassinada pelo ex-namorado e seu antigo cafetão. Então, Sabrina, ainda com 10 anos, se vê obrigada a repetir os passos de sua mãe e sua tia ao se prostituir para sustentar a si mesma e sua avó. Paloma, mãe de Andrea Doria, que acabou de perder seu bebê recém-nascido, descobre a situação de Sabrina, opõe-se à decisão do marido machista e opressor, Rodolfo, que negou adotá-la e separa-se dele e a resgata da violência sexual, adotando também dona Gracinha. Vale ressaltar que ao se separar do marido, Paloma

⁵ Doravante, menções à 3ª edição de *Sapato de Salto* serão feitas apenas com o número da página citada.

tem em mente que a casa em que moram é sua e é Rodolfo, que era dono de um posto de gasolina, quem precisa sair de lá.

Ainda que Sabrina tenha sofrido muito em tenra idade, ela teve sorte ao ser resgatada duas vezes de sua dura realidade. Infelizmente, não é o caso de tantas crianças. Adicionalmente, a relação de Andrea Doria com Joel é uma realidade de muitos pré-adolescentes, porém é algo “normalizado” e a que não se tem a devida preocupação. Tendo essas duas questões como foco, este estudo busca compreender como as dinâmicas de gênero influenciam na experiência e na percepção do abuso infantil e de que maneira a interseccionalidade pode oferecer uma base teórica para identificar e abordar as complexas camadas de discriminação e violência presentes nessas situações.

Os objetivos desta pesquisa são múltiplos e interconectados. Primeiramente, pretende-se investigar como a teoria da interseccionalidade pode contribuir para a compreensão e a mitigação de casos de abuso infantil, fornecendo uma análise crítica. Em seguida, busca-se explorar como a questão de gênero é tratada no contexto do abuso infantil, especialmente no que diz respeito às disparidades de gênero nessa experiência, destacando as nuances e particularidades dessa abordagem, bem como um estudo de casos reais contemporâneos de abuso infantil a fim de comparar com os temas abordados no livro. Logo após, será realizada uma revisão de literatura. Por fim, a pesquisa objetiva questionar a eficácia das políticas públicas vigentes e fundamentar as evidências e análises desenvolvidas ao longo do estudo.

À vista disso, essa análise se justifica pela necessidade de aprofundar a compreensão sobre as intersecções entre gênero e abuso infantil, áreas que frequentemente são tratadas de maneira isolada na literatura acadêmica e nas políticas públicas. Ao integrar a perspectiva interseccional, pretende-se oferecer uma análise mais holística e crítica, que vá além das críticas e busque soluções concretas e aplicáveis. Esta pesquisa não apenas contribui para o campo acadêmico, mas também tem implicações práticas significativas, ao sensibilizar o público sobre a gravidade e a prevalência do abuso infantil, incentivando uma atuação mais empática e eficaz.

O embasamento teórico será construído a partir de uma ampla gama de fontes que abordam temas relacionados à interseccionalidade, gênero e abuso infantil. A obra de Lygia Bojunga será analisada à luz dos estudos de Apolinário (2017) e Mendes (2009), que discutem configurações de gênero e espaço. A perspectiva interseccional será fundamentada nos trabalhos pioneiros de Crenshaw (2002; 1991), complementada por Iazzetti (2023) e Nash (2008), que reavaliam e expandem o conceito. Estudos específicos sobre violência e abuso, como os de Nascimento e Costandrade (2016), Mantovani (2023), e UNICEF Brasil e Fórum

Brasileiro de Segurança Pública (2021), fornecerão um contexto atualizado e aplicado. As políticas públicas de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes, destacadas pela Assessoria de Comunicação Social do MMFDH (2022) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), serão fundamentais para a contextualização contemporânea do problema. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023) sobre a erotização da infância e a cultura do estupro será fundamental para a contextualização contemporânea do problema.

Ademais, a metodologia adotada nesta pesquisa será predominantemente descritiva-analítica, utilizando-se da análise textual e crítica da obra *Sapato de Salto*. Serão empregadas técnicas de análise de conteúdo para identificar e interpretar as representações de gênero e interseccionalidade no texto literário. Para assegurar a relevância e a aplicabilidade das soluções propostas, serão também considerados estudos de caso e dados estatísticos recentes sobre abuso infantil, complementando a análise literária com uma perspectiva prática e atualizada.

2 INTERSECCIONALIDADE E SUAS RELAÇÕES EM *SAPATO DE SALTO*

Nesta primeira parte do capítulo, serão discutidos os termos que ajudarão a embasar a análise da obra *Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga (2006). Para isso, será feita a conceituação da interseccionalidade e de como o reconhecimento dos marcadores identitários se entrelaçam na sociedade para que possa ser feita uma comparação com o livro. Por mais que nesta parte seja abordado o conceito de interseccionalidade, Bojunga não cita características raciais ao descrever os personagens, um dos principais apontamentos da idealizadora e criadora do termo. A autora só apresenta características físicas como a forma do cabelo de Maristela, mãe de Sabrina – “castanho claro, liso feito cetim” (p. 94) –, tornando possível julgar que era uma pessoa branca. Diante disso, nesta análise serão apresentados apenas marcadores identitários de maior relevância para este estudo.

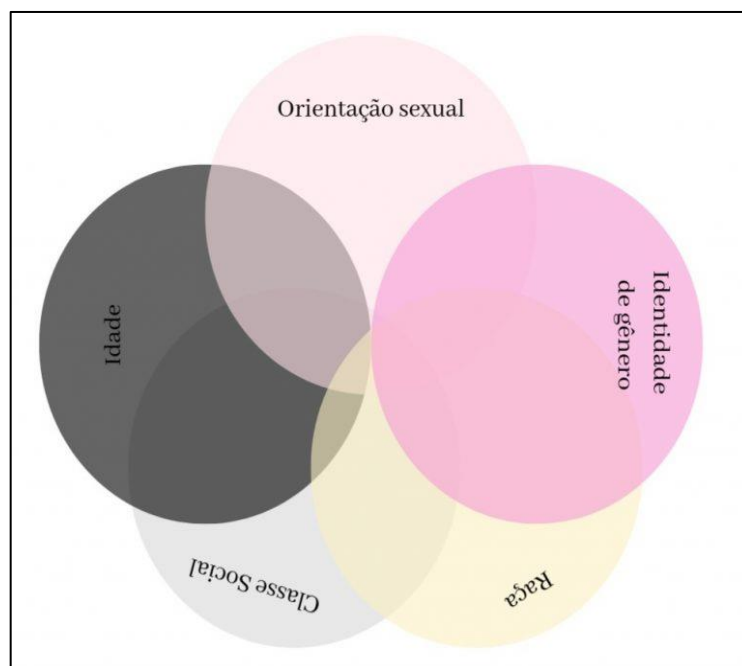
Em primeiro lugar, deve-se começar conceituando a interseccionalidade. O termo inicialmente foi sistematizado e trazido por Kimberlé Crenshaw em 1989 – mulher negra, professora, advogada, ativista americana de direitos civis e estudiosa da teoria crítica racial. O artigo de sua autoria, publicado em 2002, para o “Encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero” explica que

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (Crenshaw, 2002, p. 177)

Essa definição é essencial para entender que as interações complexas da opressão e da desigualdade afetam a experiência de cada indivíduo na sociedade, principalmente de crianças como a personagem principal, Sabrina. Collins (2000) afirma que é a experiência vivida que dá origem à teoria, e é a teoria que nos permite entender e interpretar essas experiências. Essa perspectiva desafia visões simplistas e binárias da opressão, revelando a multiplicidade de fatores que contribuem para a marginalização e a exclusão social.

É interessante ressaltar que o termo propõe uma análise multifacetada das identidades sociais – “tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual” (Crenshaw, 2002, p. 173) –, reconhecendo que estas se entrelaçam e, ao invés de tratar as identidades como categorias rígidas e isoladas, há o reconhecimento dos marcadores identitários de forma fluida e interdependente, conforme mostrado na Figura 1.

Figura 1 - Intersecção



Fonte: CKZ Diversidade, 2024⁶

O conceito não é apenas uma lente teórica, mas também prática. Ela permite ver como as estruturas de poder e discriminação se sobrepõem e interagem nas vidas cotidianas. Para exemplificar, no romance de Bojunga, a personagem Paloma sofre com machismo em sua própria casa por seu marido Rodolfo, em que ele a diminui apenas por ser mulher, odeia o filho por ser gay e fala sem nenhuma sensibilidade sobre Sabrina, uma criança sofrendo abuso sexual,

⁶ Disponível em: <https://ckzdiversidade.com.br/diversidade-com-interseccionalidade-e-desafio-nas-corporacoes/>. Acesso em: 24 mai. 2024

ao chamá-la de puta: “Bonitos planos você arrumou para mim. Além de estimular meu filho pra ser gay, agora está querendo trazer uma puta para morar na minha casa” (p. 243).

Ainda que a teoria tenha uma visão otimista sobre tais perspectivas, também tem sido criticada. Alguns argumentam que ela pode levar a uma espécie de competição, em que diferentes grupos discutem o tipo de opressão sentida para provar quem é mais marginalizado. Outros argumentam que ela pode diluir o foco em lutas específicas, como o feminismo ou a luta contra o racismo, levantando a questão de que existe “a falta de uma metodologia interseccional claramente definida” (Nash, 2008). Apesar dessas críticas, continua sendo uma ferramenta importante para entender e combater a discriminação, pois nos permite ver como a luta por justiça social deve abordar todas essas formas de discriminação simultaneamente.

Entretanto, a interseccionalidade pode apresentar um viés na forma como é aplicada, privilegiando certos sistemas de subordinação em detrimento de outros e a ausência de uma cultura verdadeiramente inclusiva pode dificultar a aplicação efetiva. A inconsistência nas políticas que abordam tais questões e a falta de clareza nas normas que a regem, podem levar a uma aplicação inadequada.

Outro obstáculo significativo é a falta de liderança na promoção da crítica interseccional, uma vez que, a falta de representação de grupos marginalizados em posições de poder ou influência e a falta de proteção legal adequada podem limitar sua eficácia. Muitas vezes, o machismo e outras formas de preconceito aparecem nessas realidades.

Dessa forma, ao incorporar a interseccionalidade nessas análises, há a real necessidade do desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes e equitativas, que considerem as necessidades e as experiências singulares das pessoas.

Embora não seja necessária outra formulação dos princípios básicos para estabelecer direitos e proteções contra a discriminação interseccional, seria útil que se desenvolvessem protocolos interpretativos a fim de romper com os limites das interpretações e práticas existentes, os quais reduzem os direitos das vítimas de subordinação interseccional. (Crenshaw, 2002, p. 182)

Isso significa implementar medidas que combatam a discriminação em todas as suas formas para que o descaso das autoridades não prejudique nenhum indivíduo, e, com as medidas corretas, seria possível evitar situações de prostituição infantil, como as vivenciadas pela personagem Sabrina. O diálogo abaixo ocorre entre Paloma, mulher que adota Sabrina no fim do livro, e a própria Sabrina:

[O]lhou pra Sabrina: assim, de pé no chão, ela parecia tão criança! – Me responde uma coisa, Sabrina. Mas com toda sinceridade, sim? Olho no olho, a Sabrina fez que sim.

– Você já perguntou a você mesma se... se você... “ia ser puta”, feito você diz, caso sua tia não tivesse morrido? Quer dizer, caso a Inês continuasse tomando conta da família?

– Não! não! é ruim! Eu sou pequena aqui também. Dói quando entra, é ruim, não gosto. É ruim quando acaba também, e, às vezes, a gente quer tomar banho e não pode; é ruim o jeito que eles olham pra gente, feito coisa que a gente é... sei lá, mas é ruim.

– Quando cheguei você estava se preparando pra ir atrás dos trinta reais? Sabrina ficou um momento em silêncio. Depois fez que sim. (p. 221-222)

Posto isso, muito ainda se tem para discutir sobre a interseccionalidade, pois é um processo contínuo que requer reflexão e ação constantes, sendo uma jornada em direção à inclusão e justiça para todos. Esses desafios destacam sua complexidade e a necessidade de abordagens cuidadosas e bem-informadas para sua aplicação.

2.1. MARCADORES IDENTITÁRIOS

Como observado anteriormente, a interseccionalidade nasce da necessidade de alinhar o discurso feminista libertário às necessidades das mulheres de diferentes perfis e apresenta-se como uma ferramenta analítica eficaz para a compreensão das complexas relações de gênero na sociedade contemporânea. Este enfoque permite reconhecer a interseção do gênero com outros marcadores identitários desvendando, assim, as nuances da desigualdade de gênero e evidenciando suas diferentes manifestações contextuais.

2.1.1. Gênero

Um exemplo paradigmático dessa abordagem é a vivência das mulheres negras. Crenshaw (1989) argumenta que a opressão sofrida por elas não se limita à soma do sexismo e do racismo, mas é resultante da intersecção desses sistemas, configurando uma forma específica de discriminação caracterizada como dupla opressão. Tal configuração acarreta menores oportunidades de trabalho, salários mais baixos, frequentes estereótipos e sub-representação em posições de liderança e poder. Ademais, essas mulheres estão mais expostas à violência e têm menor acesso à saúde e à educação. Este fenômeno, designado como intersecção racializada do gênero, ilustra como a interseccionalidade revela as complexas interações entre diferentes sistemas de opressão.

Outro exemplo fundamental para a compreensão das desigualdades de gênero é a experiência de indivíduos LGBTQIA+. Pessoas trans, por exemplo, podem enfrentar discriminação devido à sua identidade e expressão de gênero, frequentemente questionadas e invalidadas, além de serem marginalizadas por questões socioeconômicas, raciais e de orientação sexual. Iazzetti (2022, p. 7) afirma que há essa “necessidade de uma leitura interseccional, dado o caráter racializado do transfemicídio e sua concentração em contextos de

prostituição”. Isto é, a interseção desses fatores contribui para a intensificação da opressão e da exclusão social, dificultando o acesso a direitos básicos e oportunidades de vida.

A violência de gênero, manifestada de várias formas, como violência física, sexual, psicológica e patrimonial, intensifica-se quando intersectada por outros marcadores identitários. Lygia Bojunga traz isso muito claro em sua obra ao mostrar o abuso sexual e psicológico sofrido pela Sabrina, uma menina de 10 anos que foi oferecida como mão de obra infantil por um orfanato no Rio de Janeiro⁷ para ser “adotada” por Dona Matilde e Seu Gonçalves. Logo se percebe a simultaneidade dos marcadores identitários de gênero, classe social e geração. Vale ressaltar que, de acordo com Anuário Brasileiro de Segurança Pública – 2023 as meninas são as principais vítimas de abusos sexuais na infância. Já as mulheres negras são mais propensas a sofrerem feminicídio em comparação com mulheres brancas, e mulheres trans enfrentam um risco elevado de violência motivada por transfobia e preconceito.

2.1.2. Orientação sexual

Já sobre o marcador identitário de orientação sexual, a interseccionalidade desmascara a heteronormatividade, que considera a heterossexualidade como norma natural e padrão. Esta perspectiva invisibiliza e marginaliza indivíduos com diversas orientações sexuais, como homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais e queer, permitindo, contudo, compreender que a experiência de ser LGBTQIA+ não é homogênea.

Pessoas LGBTQIA+ enfrentam diversas formas de discriminação e violência, incluindo preconceito, homofobia, transfobia e lesbofobia, em diferentes esferas da vida, desde o espaço público até o ambiente familiar. Um exemplo disso é o caso do Andrea Doria e como a questão de sua orientação sexual se relaciona com a sua idade e seu sofrimento diante da homofobia cometida diretamente pelo seu pai. Veja-se um momento em que Paloma, mãe do pré-adolescente, reflete sobre o comportamento do marido:

– Tá fazendo uns três meses que o Rodolfo chegou em casa feito louco: disse que tinha passado lá pelos lados da estação e viu, de longe, o Andrea Doria e um amigo dele, o Joel (um amigo que é uns cinco ou seis anos mais velho que o Andrea Doria), pescando no rio. Ficou espiando e lá pelas tantas viu os dois se beijando. Na boca. E o Rodolfo ficou olhando pra mim, feito pedindo uma explicação. Aí eu falei, pois é, o Andrea Doria agora anda empolgado pelo Joel; e não deu tempo de dizer mais nada: o Rodolfo começou a me acusar de ter criado o filho dele para ser gay. (p. 68-69)

⁷ Não há menção direta sobre o local onde se passa a história, apenas são mencionados alguns bairros que, após pesquisa, foi identificado o Rio de Janeiro como localização geográfica.

Além de sofrer com toda a discriminação de seu pai, Andrea Doria também se vê numa paixão não correspondida ao perceber que Joel se aproveita do seu sentimento para ter relações sexuais e todas essas situações o colocam em dúvida sobre sua orientação sexual. É importante frisar que, apesar dessas relações terem sido consensuais, são configuradas como crime, de acordo com o Art. 217-A, da Lei 12.015/2009.

Caso a discriminação aconteça com negros, eles sofrerão simultaneamente com o racismo e a homofobia e/ou transfobia. Pessoas com deficiência enfrentam barreiras específicas à inclusão social, podendo ter dificuldades de acesso a serviços de saúde, educação e trabalho, o que intensifica a marginalização e a exclusão social.

2.1.3. Classe social

Outro marcador relevante para este estudo, é a questão das classes sociais já que as desigualdades econômicas podem cruzar-se com outras formas de discriminação para criar experiências únicas de opressão e privilégio, afetando o acesso a oportunidades e recursos. Indivíduos de classes sociais mais baixas podem ter menos acesso à educação de qualidade, cuidados de saúde e outras oportunidades que melhorariam sua qualidade de vida, perpetuando um ciclo de pobreza e discriminação.

Sabe-se que a escravidão e o colonialismo foram pilares fundamentais na construção das desigualdades sociais no Brasil. Pessoas negras foram sequestrados de sua terra natal e traficadas para serem escravizadas, submetidas a condições desumanas de trabalho e privadas de seus direitos básicos. Já os povos indígenas foram vítimas de um processo brutal de colonização, marcado pela violência, exploração territorial e imposição de culturas e religiões. Esse legado histórico de escravidão e colonialismo no Brasil teve um impacto profundo na vida de negros e indígenas, relegando-os à pobreza e marginalização social. Tal exclusão sistemática resultou na privação de acesso à terra, à educação, à saúde e a oportunidades de trabalho. No entanto, a classe social não é uma barreira intransponível, e comunidades têm resistido às desigualdades de classe através da organização, advocacia e resistência.

2.1.4. Gerações

Não menos importante, o marcador identitário sobre gerações é outro fator a ser analisado uma vez que, diferentes gerações também experienciam discriminação, privilégios e desafios de maneiras diversas. Isso faz com que essa perspectiva permita compreender que a experiência de cada geração é única e moldada por um contexto histórico, social e cultural específico. A geração Milênio (nascidos entre 1980 e 1996), por exemplo, possui uma

compreensão distinta da identidade de gênero em comparação com a geração Baby Boomer (nascidos entre 1945 e 1964), o que pode levar a mal-entendidos e conflitos. Gerações mais jovens enfrentam desafios relacionados à precarização do mercado de trabalho, à falta de acesso à moradia e à crise climática, enquanto gerações mais velhas lidam com questões de aposentadoria, saúde, invisibilidade social e exclusão das novas tecnologias e mudanças sociais.

Desse modo, a interseccionalidade permite observar que a geração não é uma identidade isolada, mas que se cruza com outros marcadores identitários, formando experiências complexas e múltiplas. Adicionalmente, pode ser uma ferramenta poderosa para construir pontes entre gerações, promovendo entendimento e solidariedade, e possibilitando que trabalhem juntas para desafiar a discriminação e promover a justiça social.

Pode-se notar que todos os marcadores citados neste capítulo estão interseccionados no decorrer do livro, sendo quase impossível separá-los. Esta interconexão evidencia a complexidade das experiências vividas pelas personagens, refletindo como as múltiplas dimensões de identidade, como gênero, raça e classe, se sobrepõem e influenciam a dinâmica do abuso infantil.

Tal análise reforça a importância de uma abordagem interseccional para compreender plenamente as nuances e especificidades das situações de abuso, possibilitando uma crítica mais aprofundada e a formulação de estratégias de intervenção mais eficazes e sensíveis às realidades diversas das vítimas.

3 QUESTÃO DE GÊNERO E ABUSO INFANTIL NO BRASIL

Nesta segunda parte serão apresentadas informações relevantes sobre a questão de estupro de vulnerável no Brasil. Para isso, o estudo da Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009, é de suma importância, bem como os dados contidos no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023). Ainda, haverá discussão sobre os impactos dos abusos sofridos pelas personagens Sabrina e Andrea Doria, os dois menores de 14 anos.

Esta parte do capítulo, portanto, busca não apenas contextualizar o problema do abuso de vulneráveis no Brasil, mas também promover uma reflexão sobre as ações necessárias para proteger e empoderar as vítimas, destacando a importância da legislação, da educação e do suporte psicológico e social.

3.1. LEIS, ESTATÍSTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

3.1.1. Leis que abordam estupro e vulneráveis e suas punições

É responsabilidade do Estado, da sociedade e da família garantir a integridade física e mental de crianças e adolescentes. Isso inclui não apenas a proteção integral, mas também a prevenção e o combate a todas as formas de violência, especialmente aquelas que afetam sua dignidade sexual.

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, prevê no parágrafo 4º do artigo 227 do capítulo VII, que “a lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.” (Presidência da República, 1988). Neste mesmo sentido, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) instrui que em caso de abuso sexual, o Estado deverá afastar a “criança ou adolescente do convívio familiar” (parágrafo 2º do inciso IX do artigo 101) ou, ao identificar o agressor, afastá-lo da moradia comum (artigo 130). Considerando essas informações, nesse momento é possível observar uma falha da dona Matilde e da tia Inês quando souberam dos estupros cometidos pelo seu Gonçalves contra Sabrina, visto que elas não denunciaram e ele continuou impune, seguindo na direção oposta à Constituição e ao ECA.

Houve importantes modificações ao Código Penal brasileiro, especialmente no que diz respeito à proteção de menores com a publicação da Lei nº 12.015/2009. Ela acrescentou ao Decreto-Lei nº 2.848, de 1940, o artigo 217-A, que estabelece como crime qualquer ato libidinoso com menor de 14 anos, independentemente de consentimento ou experiência anterior da vítima, ou com “alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência.” (Presidência da República, 2009). Esta legislação é crucial para a proteção de crianças, adolescentes e pessoas com deficiências, oferecendo um marco legal que reconhece a incapacidade desses menores de consentirem validamente para tais atos. Em relação à obra, na hipótese de a Paloma ter denunciado os homens que abusaram sexualmente de Sabrina, eles poderiam pegar uma pena de 8 a 15 anos de prisão, bem como Joel, por abusar sexualmente de Andrea Doria.

Já o artigo 218-B, desta mesma lei, apresenta a punição quando há o favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual de criança ou adolescente ou de vulnerável. Na narrativa, Sabrina e Maristela foram obrigadas a se prostituir muito jovens e, mesmo que os moradores da cidade tinham conhecimento dessas situações, optaram por não denunciar, facilitando a impunidade dos agressores. Além disso, no inciso 1 do parágrafo 2º deste artigo, estabelece-se penas de 4 a 10 anos de prisão para quem pratica conjunção carnal ou ato libidinoso com pessoa entre 14 e 18 anos em situação de vulnerabilidade, idade na qual

Maristela se enquadra. A combinação desses fatores evidencia lacunas significativas na aplicação da lei, refletindo a necessidade urgente de conscientização e educação sobre a responsabilidade coletiva em denunciar e combater crimes sexuais.

É importante mencionar que até 2005, a legislação brasileira incluía as disposições nos incisos VII e VIII do artigo 107 do Título VIII – Da extinção da punibilidade - do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, do Código Penal brasileiro, em que se a vítima de violência sexual se casasse com seu agressor ou outro homem, o crime era extinto. Esses incisos, dentre outros, foram revogados pela Lei nº 11.106, de 2005. Tendo isso em vista, Maristela poderia ter sido pressionada a se casar com o pai do bebê (caso ele não fosse casado), pois ele a engravidou aos 14 anos. Dessa forma, o crime seria normalizado e legalizaria a relação que foi iniciada sob coação e abuso. Essa legislação perpetuava o ciclo de violência e explorava a vulnerabilidade das crianças, adolescentes e mulheres.

Outro um ponto importante a ser destacado aqui, é o Projeto de Lei nº 1.904/24, que no momento da escrita desta monografia, está em análise pela Câmara dos Deputados. Este projeto equipara o aborto realizado após 22 semanas de gestação ao crime de homicídio simples, inclusive nos casos de gravidez resultante de estupro. Sob essa perspectiva, se essa lei estivesse em vigor à época, Maristela poderia ter enfrentado sérias dificuldades caso considerasse abortar Sabrina, uma vez que a lei equipararia o aborto tardio ao homicídio simples, colocando-a em uma posição ainda mais vulnerável. Isso limitaria suas opções e a forçaria a enfrentar consequências severas por uma gestação indesejada e traumática, como a que ela enfrentou.

Estas legislações não apenas estabelecem punições para os agressores, mas também promovem a conscientização sobre a gravidade desses crimes e incentivam a denúncia correta, assim como defendem os direitos das crianças e adolescentes promovendo um ambiente onde a segurança e o bem-estar delas são prioritários, algo fundamental para o desenvolvimento saudável e seguro das futuras gerações. Porém, nem sempre é isso que acontece. Infelizmente, em muitos casos não há uma denúncia, da mesma forma que ocorreu na narrativa ficcional.

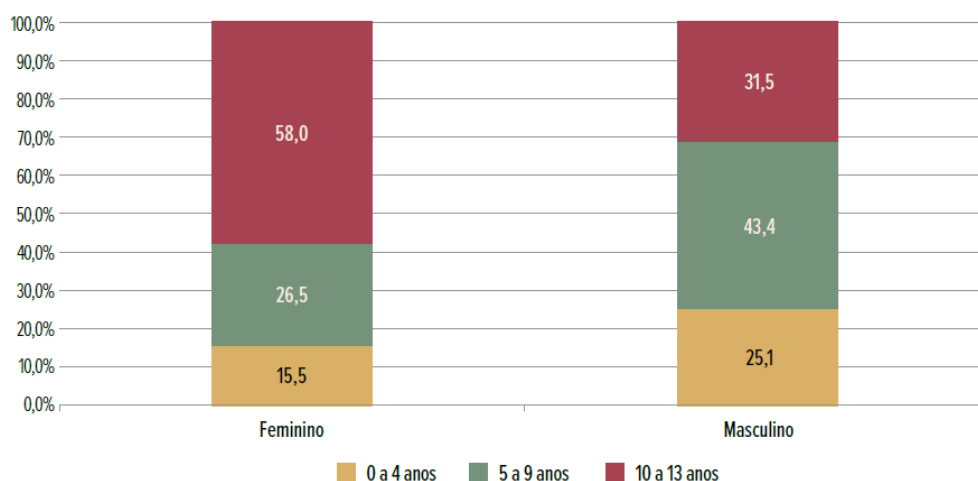
3.1.2. Estatísticas do estupro de vulneráveis no Brasil

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), os casos de abuso contra menores continuam a ser um grave problema no país. Os dados mostram um número alarmante de ocorrências: em 2022 foram “56.820 de estupro de vulnerável” e quando a “vítima tinha até 13 anos são 40.659 dos casos.” (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023, p. 204). Isso evidencia a necessidade de políticas públicas eficazes e de uma rede de apoio que

possa acolher e proteger as vítimas. Analisar essas estatísticas é essencial para compreender a dimensão do problema e para reforçar a importância de uma legislação robusta e de ações concretas de prevenção e apoio.

A diferenciação entre os gêneros nas estatísticas de abuso aponta para a necessidade de estratégias de prevenção e suporte que considerem as particularidades de meninos e meninas. Os dados revelam que a maioria das vítimas de abuso no Brasil não são mulheres adultas, mas meninas representando 84% dos casos reportados, principalmente na faixa etária de 10 a 13 anos, faixa etária que a protagonista desta análise se enquadra. Meninos também são vítimas de abuso, representando 14%. Conforme mostrado No Gráfico 1, entre esses meninos, 43,4% têm entre 5 e 9 anos de idade, o que evidencia que a violência atinge crianças muito jovens, exigindo uma abordagem cuidadosa e específica para esse grupo. Já o grupo em que o Andrea Doria está inserido, perfaz 31,5%.

Gráfico 1 - Faixa etária das crianças e adolescentes vítimas de estupro de vulnerável (até 13 anos), por sexo, 2022.

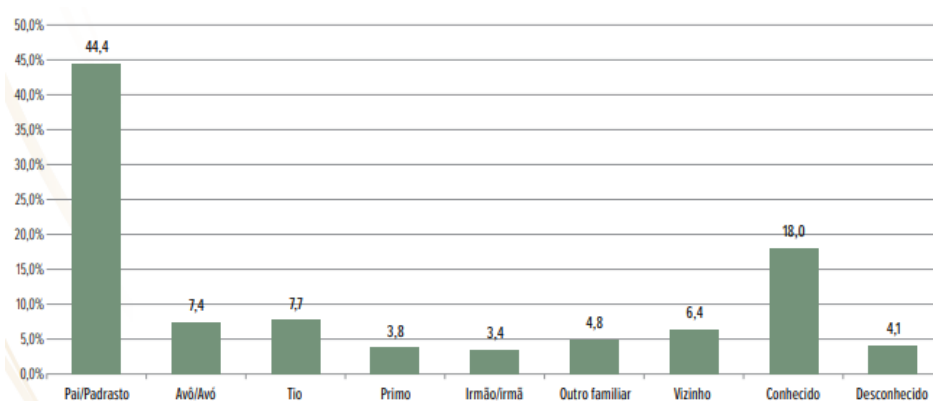


Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023)

Adicionalmente, outra estatística a ser ressaltada é a questão da gravidez. De acordo com dados do Ministério da Saúde, há um registro alarmante de mais de 19 mil nascimentos por ano de mães com idade entre 10 e 14 anos no Brasil, situação em que a mãe de Sabrina, Maristela, se enquadra. Esses dados destacam uma realidade alarmante de gravidez na adolescência no Brasil, evidenciando a vulnerabilidade e a exposição dessas meninas a situações de risco. A gravidez nessa idade, além de representar um risco para a saúde física e emocional dessas meninas, também pode agravar as consequências do abuso e da exploração. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023, p. 207) destaca que qualquer gravidez em meninas com menos de 14 anos é considerada estupro.

Outra informação preocupante é que a maioria dos casos ocorre dentro da residência, sendo 72,2% dos casos, em que 71,5% dos abusos são cometidos por familiares, conforme observado no Gráfico 2. Isso inclui pais, padrastos, avós, tios, primos e irmãos. Surpreendentemente, em 1,8% dos casos, as mães ou madrastas são apontadas como autoras e 6,7% dos registros apontam vizinhos como estupradores e há 29 registros em 2022 contra professores. Esses dados ressaltam a importância de proteger as crianças não apenas dentro de casa, mas também em outros ambientes, como vizinhança e escola.

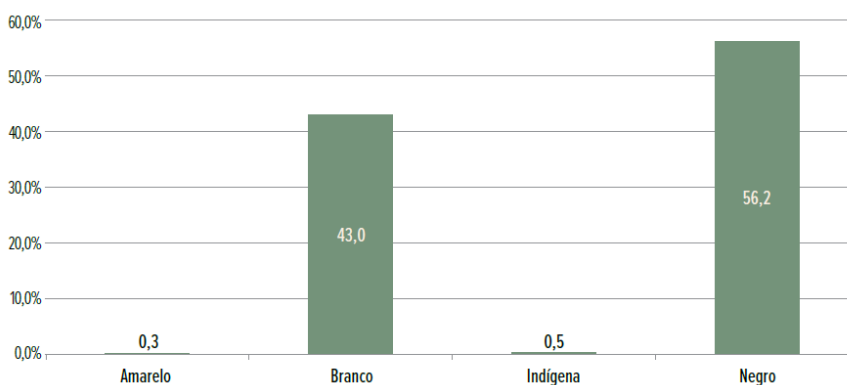
Gráfico 2 - Relação entre vítima e autor, estupro de vulnerável com registro de autoria (até 13 anos) Brasil, 2022.



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023)

Já na Gráfico 3 mostra as estatísticas mais recentes, abordando a questão de cor/raça das vítimas, as quais revelam uma mudança significativa em relação aos anos anteriores. Enquanto em 2021 os dados mostravam que 49,7% das vítimas eram meninas brancas, seguidas de 49,4% negras, 0,5% amarelas e 0,4% indígenas, em 2022 houve uma alteração nesses números. Agora, as vítimas negras representam 56,8% do total, enquanto as brancas correspondem a 42,3%. Os registros incluem também 0,5% de vítimas indígenas e 0,4% amarelas.

Gráfico 3 - Raça/cor das crianças e adolescentes vítimas de estupro de vulnerável (até 13 anos), 2022.



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023)

Essa mudança levanta questões sobre a possível subnotificação de casos envolvendo meninas negras, uma vez que, historicamente, as mulheres negras enfrentam uma maior incidência de violência doméstica e feminicídio. A mudança nos dados pode indicar uma evolução no sentido de uma maior conscientização e empoderamento das meninas negras para denunciarem casos de abuso e violência.

A Tabela 1 apresenta o número de estupros de vulneráveis ocorridos no ano de 2020⁸ por UF. Ressalta-se que, conforme mencionado anteriormente, alguns indícios no livro dão a entender que a narrativa se passa no Rio de Janeiro.

Tabela 1 - Número absoluto de estupros por UF, 2020

Unidade da Federação	0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	Total
AL	94	157	347	80	678
AP	33	71	199	61	364
CE	221	373	672	218	1484
DF	81	114	205	127	527
ES	143	231	483	173	1030
GO	333	507	939	356	2135
MA	44	65	221	88	418
MG	373	800	1699	641	3513
MS	224	460	716	183	1583
MT	185	335	684	250	1454
PB	7	15	44	24	90
PI	60	146	319	100	625
PR	647	1034	1931	753	4365
RJ	584	1123	1379	505	3591
RN	54	125	181	74	434
RO	131	171	375	178	855
RR	41	60	123	42	266
SC	398	675	1140	356	2569
SE	63	95	204	75	437
SP	1352	2675	3584	1373	8984
TO	76	146	364	96	682

Fonte: Panorama da Violência Letal e Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Brasil

⁸ Não foi possível localizar uma tabela com dados mais atuais.

A partir dos dados apresentados, observa-se que o RJ está em terceiro lugar, com um total de 3.591 casos distribuídos entre diferentes faixas etárias, representando aproximadamente 8,17% do total de 43.960 casos na tabela, com uma concentração significativa de 1.379 casos entre crianças de 10 a 14 anos, faixa em que a Sabrina e o Andrea Doria se encontram. A elevada quantidade de casos reforça a urgência de medidas efetivas de proteção e justiça para essas vítimas.

Portanto, os dados trazidos mostram a importância de considerar a interseccionalidade de gênero e raça ao abordar questões de abuso e violência, reconhecendo que as diferentes experiências enfrentadas por meninas e adolescentes de diferentes origens e contextos sociais são desafios únicos e específicos que precisam ser enfrentados com políticas e programas de apoio adequados. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública diz que somente 10% dos casos são denunciados, ou seja, “só tirando estes crimes da invisibilidade é que poderemos de fato enfrentá-los.” (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023, p. 212)

3.1.3. Políticas Públicas implementadas no Brasil

Em 2023, o Brasil ficou em 11º no ranking global que avalia os esforços contra a exploração e o abuso sexual infantil em 60 países. O índice “*Out of the Shadows*”, desenvolvido pela equipe de pesquisa da revista britânica *The Economist*, examina as leis, políticas e serviços governamentais voltados para a prevenção e combate dessa violência. No entanto, nas ações preventivas, a pontuação brasileira foi mais baixa, situando o país na 25ª colocação.

Mantovani (2023) afirma que

O Brasil foi avaliado com 100% de aprovação em subcategorias como engajamento da sociedade civil na causa e capacidade do sistema judicial. No outro extremo, ganhou zero em itens como reabilitação de agressores sexuais e ações preventivas direcionadas a potenciais abusadores. A colocação do país foi mediana em quesitos como iniciativas de prevenção à gravidez na adolescência e de formação de profissionais de escolas.

Isso mostra que há problemas com as ações preventivas. Entre as principais falhas estão a falta de educação adequada sobre abuso sexual nas escolas, a insuficiência de campanhas de conscientização pública e a falta de treinamento especializado para profissionais que lidam com crianças, como professores e assistentes sociais. As ações preventivas também são prejudicadas pela escassez de recursos para programas comunitários e pela dificuldade em criar um ambiente seguro e de confiança onde as crianças possam relatar abusos sem medo de retaliação ou descrédito.

Além disso, muitas vezes há uma deficiência na integração entre diferentes serviços de proteção à criança, o que compromete a eficácia das medidas preventivas. A legislação, embora avançada, precisa ser acompanhada de uma implementação prática eficiente, o que inclui o monitoramento contínuo e a avaliação das políticas públicas destinadas a proteger os menores de idade.

Contudo, existem organizações que combatem a violência sexual infantil e desempenham um papel crucial na proteção e promoção dos direitos das crianças e adolescentes. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), por exemplo, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1947 e trazida para o Brasil em 1950, dedica seus esforços à defesa dos mais vulneráveis, concentrando-se especialmente nas vítimas de violência extrema. Já o Instituto Liberta, fundado em 2017 por Elie Horn, foca na erradicação da exploração sexual de meninas no Brasil, utilizando campanhas, filmes e pesquisa para sensibilizar e educar a sociedade sobre o tema.

Além dessas iniciativas, a Lei nº 14.811/2024 estabelece a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente. Esta política visa aprimorar a gestão das ações preventivas e de combate, fortalecer redes de proteção, promover pesquisa e avaliação das políticas, garantir atendimento especializado às vítimas e suas famílias, e fomentar a participação social na fiscalização e implementação das políticas públicas. A legislação enfatiza também a formação contínua de profissionais que lidam com crianças e adolescentes em situações de violência sexual, com o objetivo de assegurar um ambiente seguro e protegido para todas as crianças e adolescentes no país.

Adicionalmente, a Lei nº 14.432/2022 institui a campanha Maio Laranja, realizada anualmente em todo o território nacional durante o mês de maio, com ações efetivas de combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes. O dia 18 de maio também é marcado pelo Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, conforme estabelecido pela Lei nº 9.970/2000, reforçando a importância de iniciativas coordenadas e contínuas para proteger os direitos das crianças e prevenir a violência sexual.

As ações coordenadas por organizações e legislações como as mencionadas são essenciais para enfrentar o grave problema da violência sexual infantil no Brasil. Em paralelo, obras literárias como *Sapato de Salto* também contribuem ao sensibilizar o público sobre as complexidades e impactos dessas questões na vida das crianças. Ao integrar esforços legislativos, educativos e culturais, podemos avançar na proteção dos direitos das crianças e adolescentes, proporcionando um futuro mais seguro e digno para as próximas gerações. É

fundamental lembrar que apenas a informação adequada e acessível pode verdadeiramente proteger as crianças da violência sexual.

3.2. IMPACTO DO ABUSO INFANTIL NAS PERSONAGENS

Através da análise das personagens do romance, pode-se entender melhor como a legislação e as estatísticas de abuso no Brasil se traduzem em experiências individuais de sofrimento ou resiliência. Ao comparar as situações fictícias com casos reais, destaca-se a importância de uma abordagem compreensiva e empática, que reconheça as dificuldades enfrentadas pelas vítimas e ofereça apoio efetivo para sua recuperação. Neste sentido, as personagens Maristela, Sabrina e Andrea Doria ilustram os efeitos brutais do abuso infantil.

No caso de Maristela, as consequências de sua própria experiência foram devastadoras e tiveram um impacto direto na vida de Sabrina. Quando tinha 14 anos, foi seduzida por um homem casado e engravidou. Rejeitada pela mãe, Dona Gracinha, e abandonada pelo pai da criança, escolheu sair de casa e tentou sobreviver com a ajuda de sua amiga Marlene. No entanto, a gravidez a impediu de encontrar emprego, levando-a à prostituição, conforme revelado em uma carta a Marlene: “Tentei de babá, faxineira, tudo. Mas não deu. Não tenho coragem de voltar para casa. O jeito foi aquele mesmo que você conhece. Tem homem que gosta, não é? de trepar com mulher de barrigona” (p. 107).

Em um momento de desespero, Maristela planejou se suicidar com sua filha Sabrina para poupar a mãe do sofrimento de criá-la, mas acabou deixando Sabrina em um orfanato antes de tomar a decisão final. A situação de Maristela se assemelha com a de Sabrina após a morte de Tia Inês, destacando a dura realidade enfrentada por muitas meninas. Isso comprova que, quando um adulto sabe de situação de abuso e é omissivo, causa problemas psicológicos, físicos e materiais na vida daquela criança e perpetua a cultura do estupro.

Já sobre Sabrina, desde muito jovem foi submetida a maus-tratos que a deixam profundamente marcada, afetando seu desenvolvimento emocional e psicológico. No início do livro, há um momento em que se pode observar que há a culpabilização da vítima, quando a tia Inês vai à casa de Dona Matilde e Seu Gonçalves buscar Sabrina, e ao se despedir da patroa, Sabrina é presa de mais uma violência, além dos abusos anteriores de seu Gonçalves: “Quando Sabrina chegou mais perto pra dar um beijo de despedida, recebeu uma bofetada na cara: – É pra você não esquecer que eu não vou me esquecer” (p. 38). Essa situação reflete uma problemática social que muitas vezes agrava o sofrimento das vítimas.

Outro momento importante, é quando Sabrina se vê em uma situação de miséria após a morte de sua tia e se vê obrigada a se prostituir, mesmo sem entender direito sobre seu corpo e sobre o que estava acontecendo. Isso se deu devido às marcas deixadas pelo seu Gonçalves ao dar “presentinhos” à Sabrina depois de a estuprar. Ali ela entende que se fizer sexo com adultos, irá receber uma recompensa. Na situação abaixo, Sabrina vai com o açougueiro da cidade para o matagal, esperando um pagamento de R\$ 30,00 pelo “serviço prestado”:

– Ei, pera aí! – Quase num salto, a Sabrina se pôs na frente dele. – E o dinheirinho? O açougueiro procurou no bolso; estendeu uma nota pra Sabrina.
 – Não foi isso que a gente combinou - ela falou com firmeza.
 [...]

 – Você não é nenhuma Inês, tá começando agora. Vinte tá muito bem pago. – Afastou a Sabrina com o braço do mesmo jeito que afastava o mato e seguiu em frente (p. 167)

Este é um exemplo claro das consequências do abandono familiar e da falta de intervenção estatal, interferindo diretamente no comportamento das crianças. Ele ressalta como a ausência de apoio e proteção por parte dos adultos pode levar os jovens a situações de vulnerabilidade e desamparo. Da mesma forma, evidencia a urgência de uma atuação mais efetiva por parte da sociedade e do Estado para garantir que todas as crianças recebam o cuidado e a proteção necessários para um desenvolvimento saudável e seguro.

Andrea Doria, por sua vez, enfrenta uma manipulação emocional que abala sua autoestima e identidade. A relação assimétrica com Joel demonstra como a vulnerabilidade dos jovens pode ser explorada por adultos, gerando consequências duradouras para sua saúde mental e bem-estar. Em trecho do livro, Andrea Doria relembra as situações passadas com Joel, mostrando os problemas que essa relação trouxe: “Ele vem sempre com essa história de que me ama. Ele só me ama naquela hora! aí ele não para de me alisar e de me olhar... Mas é só ele gozar e pronto, volta lá pros livros dele” (p. 160). Depois continua divagando e discutindo mentalmente com o Joel.

Ambos os personagens enfrentaram dificuldades em sua jornada de recuperação. O apoio emocional, psicológico e social é essencial para ajudá-los a reconstruir sua autoconfiança e superar o trauma. Uma exemplificação disso foi a atitude de Paloma que se torna essencial para a recuperação de Sabrina quando ela adota a criança e sua avó com doença mental, decidindo não lutar mais pelo seu casamento com um marido machista:

Você acaba de trazer a sua “perfilhada” Sabrina e sua “adotada” Vó Gracinha para esta casa [...]
 Não estou afim de conviver nem com uma nem com a outra. – Se ergue e, afinal, olha pra Paloma: – Então, minha cara, não me resta senão dizer: até mais ver. [...]
 Paloma não se move; a expressão não se altera; só a mão fica fazendo festa devagar no braço da poltrona de couro. (p. 270, 272)

Ao mostrar tais situações, é possível afirmar que o impacto sobre o que houve com o Andrea Doria é menor do que com a Sabrina. O que poderia explicar essa diferença? Seria por ele ser um menino? Ou por ele ser mais velho que ela? Ou pelo Joel não ser tão mais velho que ele? Ou por eles serem do mesmo gênero? A única certeza, é que existe uma minimização de estupro quando cometidas com garotos nessa faixa de idade e uma normalização quando é um garoto com uma mulher mais velha.

Na Figura 2, a porcentagem de denúncias dentro da faixa etária do Andrea, é baixa quando comparada com a feminina. O que leva a outro questionamento, será que a normalização da ideia popular de que garotos “perdem” a virgindade nessa faixa, contribui para a falta de denúncias? Cada leitor pode encontrar respostas para essas questões com base em suas próprias experiências, mas é preciso que se tenha um pensamento crítico e que a Lei seja cumprida.

4 RELEVÂNCIA CRÍTICA E TÉCNICAS LITERÁRIAS

Neste capítulo, será abordada a fortuna crítica da autora Lygia Bojunga, com foco especial na recepção e análise da obra *Sapato de Salto*. A importância de Bojunga no cenário literário brasileiro será discutida através das percepções de alguns críticos e estudiosos que destacam suas contribuições para a literatura infantojuvenil. Serão explorados os principais temas envolvidos pela autora em suas obras, bem como a maneira única com que ela trata questões complexas – abuso sexual infantil, prostituição e relacionamentos abusivos – de forma acessível e envolvente para jovens leitores, revelando uma sensibilidade aguçada e uma postura crítica diante das injustiças. A análise crítica da recepção desta obra fornecerá uma compreensão sobre a relevância e o impacto no contexto da produção literária brasileira.

Ademais, este capítulo também se dedicará a uma análise detalhada dos recursos estilísticos presentes no livro. Serão examinadas as técnicas literárias, como o uso de metáforas, simbolismos e a estrutura narrativa não linear, que contribuem para a riqueza e a profundidade da obra. O capítulo aprofundará a análise sobre o narrador e os personagens, explorando a construção e desenvolvimento dos personagens e como o narrador influencia a percepção da história. A interação entre narrador e personagens será comprovada para entender como a criação de uma narrativa pode ser envolvente e emocionalmente ressonante.

4.1. FORTUNA CRÍTICA DE LYGIA BOJUNGA

Lygia Bojunga é uma autora prolífica, com um total de 23 obras publicadas ao longo de sua carreira. A crítica literária a reconhece como inovadora, destacando seu papel crucial na evolução da literatura infantojuvenil. Sua contribuição tem sido amplamente reconhecida,

refletida na impressionante quantidade de prêmios que recebeu, quase 40. Entre os mais destacados estão o Prêmio Hans Christian Andersen, concedido em 1982 na Dinamarca, e o Astrid Lindgren Memorial Award, recebido em 2004 na Suécia. Além disso, Bojunga foi agraciado com prêmios importantes no Brasil, como o Prêmio INL (1971), o Prêmio Jabuti (1973 e 1993), o Prêmio Adolfo Aizen em 1997, Prêmio Júlia Lopes de Almeida – Hors Concours (2000) e o Prêmio Faz Diferença em 2004. Ela também recebeu prêmios múltiplos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em diversos anos (1975, 1976, 1978, 1979, 1980, 1985, 1990, 1992, 1996, 1999, 2002, 2007, 2010 e 2017).

Sua obra foi reconhecida internacionalmente com prêmios como o White Ravens (1993) e o Prêmio O Flautista de Hamelin (1985). Esta vasta coleção de honrarias inclui ainda prêmios de teatro como o Molière (1985) e o Mambembe de Teatro (1986), evidenciando a profunda e duradoura influência da sua produção literária, destacando a qualidade e o impacto das suas narrativas que abordam temas complexos de maneira acessível e envolvente, permitindo que tanto jovens leitores quanto adultos, se conectem com questões profundas. Ao realizar tal feito, cria obras que quebram as barreiras etárias e culturais.

Posto isso, a realização de um levantamento sobre a fortuna crítica da escritora é de suma importância para a presente monografia, pois oferece um panorama da recepção e do impacto de sua obra no meio literário e acadêmico, permitindo um diálogo com o pensamento crítico existente e enriquecendo a compreensão sobre sua significância literária. Portanto, houve uma contagem das monografias, dissertações e teses das análises de obras da autora.

Essa busca foi realizada nas páginas eletrônicas Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES). Então, na BDM encontra-se apenas 1 (uma) monografia e no CAPES há 98 dissertações de mestrado e 18 teses de doutorado, o que mostra que existe um maior interesse na obra bojunguiana nas pesquisas de pós-graduação. Quando a busca é relacionada apenas à obra em análise, existe somente 13 dissertações.

Embora não tenha sido possível o acesso a todos os estudos, observa-se que os temas mais abordados nessas análises são (I) o desenvolvimento infantil e a psicologia - análises de como seus personagens enfrentam desafios, lidam com emoções e crescem ao longo das histórias; (II) estudos sobre a narrativa e a linguagem - investigam seu estilo literário, uso de metáforas, simbolismos e a forma como ela constrói suas histórias; (III) questões do feminismo e do empoderamento – como suas protagonistas desafiam estereótipos de gênero e buscam

autonomia; e (IV) sobre a fantasia e a imaginação – como ela utiliza a fantasia para abordar questões da vida real e a imaginação como ferramenta para lidar com dificuldades.

4.2. RECURSOS ESTILÍSTICOS EM *SAPATO DE SALTO*

A obra *Sapato de Salto* é um exemplo da habilidade da autora em utilizar recursos estilísticos que enriquecem a narrativa e envolvem os leitores. A seguir, analisaremos alguns dos principais recursos estilísticos presentes na obra, explorando como eles abordam a profundidade e a ressonância emocional da história.

4.2.1. Uso de Metáforas e Simbolismos

As metáforas e simbolismos são usados, na obra, para aprofundar temas como identidade, liberdade e autodescoberta. Pode-se dizer que o melhor símbolo e, também, metáfora da obra é o próprio título. Conforme Danielle Apolinário afirma em “Dos pés à cabeça: moda e modos em *Sapato de salto* de Lygia Bojunga”: “a moda dos sapatos de salto perpassa a trama, caracterizam atitudes das personagens, simbolizam aqueles corpos que nos saltos ousaram se erguer” (Apolinário, 2017, p. 14), ou seja, nesse caso funciona como os dois recursos para representar as expectativas sociais e os papéis de gênero impostos às personagens. Os sapatos de salto representam tanto um instrumento de opressão quanto uma ferramenta de empoderamento. A pesquisadora ainda reitera que

nem sempre foi passiva a recepção das prescrições na moda e nos modos a serem seguidos pelas mulheres. A opressão imposta ao corpo feminino pelas convenções da moda também enfrentou resistência desses corpos. O vestuário foi e ainda é instrumento de subversão e uma forma de emancipação feminina. (Apolinário, 2017, p. 48)

Este duplo significado permite que Bojunga explore a complexidade das experiências de seus personagens, oferecendo uma visão crítica das normas sociais e das limitações impostas pelo gênero. Observa-se tal situação ao constatar que tia Inês utilizava os sapatos de salto ao dar suas aulas de dança, sendo uma metáfora para a outra forma com que também ganhava dinheiro – por meio da prostituição. Além disso, também utilizava os sapatos como uma espécie de cofre (p. 173). No ensaio “As representações do sapato na polissemia de *Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga”, Italiene Pereira analisa, por sua vez, a situação da protagonista Sabrina em relação aos saltos altos: “o que seria [...] uma simples brincadeira de criança – vestir roupas de adulto –, torna-se seu ‘rito de passagem’: ela calça os sapatinhos da falecida tia somente quando vai se prostituir” (Pereira, 2021, p. 7). Na comparação com a tia, entende-se que as duas utilizam o sapato de salto como uma forma de sair de “mulher” para se tornarem prostitutas. Contudo, diferentemente de Inês, Sabrina dançava com os pés no chão, simbolizando momentos de

liberdade. Andrea Doria também mostrava essa liberdade ao dançar, pois assim como Sabrina, dançava com os pés no chão.

Vale destacar outro ponto importante para o contexto da obra, a simbologia das cores, tanto nos sapatos quanto em outros objetos. Por exemplo, a casa amarela era a representação da alegria. Numa primeira situação, a alegria de Sabrina ao chegar na casa da família, que ela tanto sonhava e, num outro momento, quando dançava com dona Gracinha e Andrea Doria para espantar a tristeza por causa da morte de tia Inês, tornando-se um lugar de refúgio. Também foi na casa que Paloma e seu irmão, Leonardo (este mora em outra cidade, mas visita Paloma e Andrea Doria, constituindo importante apoio familiar), se encantaram com a alegria das duas pela primeira vez.

A casa amarela impressionou a Paloma. Volta e meia se surpreendia pensando na Sabrina e na dona Gracinha; e não eram poucas as vezes em que ficava um tempão parada, revivendo na lembrança o quadro da Sabrina e do Andrea Doria, em primeiro plano, dançando; a dona Gracinha, ao fundo, batendo palmas ao ritmo da música, se divertindo com a dança dos dois e querendo imitar os movimentos do par. (p. 208)

Em suma, Lygia Bojunga, ao utilizar metáforas e simbolismos de forma tão profunda e crítica, permite que sua obra transcenda a mera narrativa ficcional e se transforme em uma reflexão sobre as complexidades da condição humana, convidando o leitor a reconsiderar as normas impostas e a valorizar as múltiplas formas de resistência e subversão na busca por uma existência autêntica.

4.2.2. Estrutura Narrativa Não Linear

A estrutura narrativa de *Sapato de Salto* é outro recurso estilístico crucial que é empregado para criar uma narrativa envolvente. A autora utiliza uma estrutura não linear, intercalando diferentes momentos da vida das personagens e eventos significativos que moldam suas jornadas. Segundo afirma Celiane Mendes na dissertação “O projeto autoral de Lygia Bojunga: uma leitura de *A Bolsa Amarela* e *O Sofá Estampado*”:

esse procedimento confere uma pausa nos fatos narrados e o encaixe de outros, criando um efeito de suspense no leitor. É por meio da quebra da narrativa que ficamos sabendo das histórias de outras personagens, propiciando [...] uma visão panorâmica dos fatos. (Mendes, 2009, p. 80)

Ao analisar os capítulos, nota-se que até o 6º há uma linearidade. Em seguida, a autora começa a trazer alguns capítulos intercalados de lembranças com o tempo atual da história. Um exemplo disso é no capítulo 7, em que Sabrina está com dona Gracinha “pendurando” as memórias da avó, como fazia todos os dias, “Só dentro da mais estreita mesmice é que a dona

Gracinha conseguia recordar fragmentos do passado e, recordando, se acalmar.” (p. 93). Então começa a intercalar as memórias com o tempo atual:

Então contava de novo como era o sapato vermelho que a Inesinha estava usando, e logo descrevia uma sandália de salto que a Maristela tinha acabado de comprar, e emendava com a história de gente chegando na casa dela pra trazer um presente. Uma pedra. Grande assim. E o homem deu a pedra de presente pra ela, dizendo: o corpo da tua filha Maristela tava no fundo do rio amarrado nesta pedra aqui.
E a Sabrina escutando, imaginando, tentando visualizar o homem... a pedra... o rio...
... Eles entraram. E um dos homens falou:
– O corpo da tua filha Maristela tava no fundo do rio amarrado nesta pedra aqui. –
Botou a pedra em cima da mesa. Assim mesmo, úmida; um pouco de areia grudada nela, e de limo também.
O choque deixou a dona Gracinha pregada no chão. [...] (p. 93-94)

A partir daí, o fluxo da narrativa do 7º capítulo foca somente nas lembranças de dona Gracinha por sete páginas, se distanciando da conversa da Sabrina com sua avó. Nesta parte é onde o narrador mostra o que realmente aconteceu quando dona Gracinha soube da gravidez de Maristela e de como se culpava por ter reagido de uma forma ruim à notícia. De repente, há um retorno do narrador para o tempo atual da narrativa.

Essa abordagem permite ao leitor uma compreensão mais profunda das motivações e dos traumas dos personagens, criando uma conexão emocional mais intensa com a narrativa. A quebra da linearidade temporal também reflete a maneira como as memórias e experiências se entrelaçam na construção da identidade, um tema central na obra.

4.2.3. Diálogos Autênticos e Narrativa Visual

Os diálogos são caracterizados por suas interferências e naturalidade, o que contribui para a verossimilhança dos personagens e suas interações. Há a captura com precisão das vozes e dos ritmos de fala de diferentes personagens, o que enriquece a leitura e facilita a identificação do leitor com as experiências narradas. Além disso, Bojunga utiliza especificações técnicas previstas para ajudar a construir um ambiente imersivo. As regras dos cenários, das roupas e dos gestos dos personagens são ricas em detalhes, criando uma imagem vívida na mente do leitor e intensificando a experiência narrativa.

Percebe-se isso nas cenas de várias personagens. Uma das situações se dá no fluxo de pensamento de Andrea Doria, em que ele formula um diálogo hora com seu pai, hora com Joel.

Se imaginou dando a notícia ao
RODOLFO
– Pai, é o seguinte, você vai ter que aceitar, essa minha coisa é muito forte: eu tenho que dançar, eu quero dançar! Eu sei que ainda é cedo pra eu sair aqui da cidade e ir pr'um centro grande, pr'um lugar legal que tenha curso, que tenha tudo pra gente aprender a dançar; e eu sei também muito bem que você não vai bancar nenhum curso de dança nem... Peraí pai, peraí, deixa eu acabar de falar, não começa já a ficar

nervoso, eu só tô tentando explicar que eu não posso mudar, cada um é o que é, e se eu resolvi que a dança é o que eu quero... calma aí, pai! Me dá uma chance de... Ah, mas que saco! Assim não dá para conversar com você, mal eu começo a contar um troço e você já vem com esse negócio de que eu tenho mais é que jogar futebol; quantas vezes eu preciso te dizer que eu não gosto de me esfalfar atrás d'uma bola, eu gosto é de dançar! Mas eu não quero mais ficar dançando sozinho, pô! Eu preciso treinar com alguém que saque movimento corporal melhor do que eu!... Não tô gritando, não tô gritando, só tô falando explicado, eu preciso de uma parceira, ou de um parceiro, só que... Parceiro de dança pai, parceiro de dança... Ah! esquece. Não adianta querer conversar com você.

Andrea Doria parou na calçada. Ficou olhando pra lua. Tomou uma resolução: deu meia volta e, em vez de seguir para casa, se encaminhou pra rua onde mora o JOEL, Já formulando em pensamento a conversa:

– Joel, amanhã eu começo a dançar com a Inês. Puxa, cara, foi a coisa mais legal do mundo [...]. Cheguei lá, a gente conversou um pouco, e não deu outra, ela é super! “Tá bom, meu querido, vê lá o que que você pode pagar, que eu tenho mãe e sobrinha pra criar”. (p. 61-63)

Da forma como é escrita – uma mescla entre um narrador indireto, pontuando o posicionamento espacial do personagem, e um discurso direto do próprio personagem –, Bojunga consegue fazer com que o leitor se sinta muito próximo de Andrea Doria, quase dentro de sua mente ou como se realmente houvesse uma discussão. Então, o uso dessa narrativa visual corrobora para uma aproximação da ficção com a realidade.

4.2.4. Metanarrativa

De acordo com o E-Dicionário de Termos Literários (2024), a metanarrativa é a “forma textual de autoconsciência que ocorre no processo narrativo e que nos textos de ficção também toma o nome de metaficção”, em outras palavras, quando um texto literário faz referência a si mesmo, à sua criação ou ao seu processo de escrita dentro da própria narrativa, rompendo com a ilusão de realidade ficcional e envolvendo o leitor de maneira reflexiva. Esse recurso estilístico, utilizado no penúltimo capítulo de *Sapato de Salto*, intitulado “Para você que me lê”, também pode ser entendido como uma forma de interpelação do leitor, a fim de despertar a atenção, ao declarar que

Foi só deixar a Paloma

lá no quarto pontuando com um suspiro as resoluções tomadas e botar o Andrea Doria na cozinha esquentando a sopa pro jantar (um e outro entregues a uma súbita sensação de alívio e paz), que me deu vontade de aproveitar esse momento de sossego e vir pra cá, pro espaço que criei pra nós, e que chamei de *Pra você que me lê*.

Se você é meu leitor, minha leitora, já deve ter notado que o *Pra você que me lê* é um espaço móvel, varia de livro pra livro: ora é no começo, ora no fim; ora faz parte da história, ora se torna ausente, ora se limita a dar uma ou outra informação sobre o livro que você tem na mão. No *Sapato de Salto*, nosso espaço se deslocou **quase** pro fim do livro: tomou o lugar do que seria o penúltimo capítulo.

Por quê?

Bom... não sei se, com razão, achei que não devia te entregar “Expressões” (nome que dei ao último capítulo) sem te contar quem é que me influenciou a terminar a história do *Sapato* do jeito que resolvi terminar. (p. 253-254)

Aqui ela se distancia da função narrativa convencional para se dirigir diretamente ao leitor e o convida a participar de um diálogo sobre a natureza da própria escrita e suas implicações criativas, já que mais à frente compartilha reflexões sobre o processo de criação da obra, as dificuldades enfrentadas no meio do caminho e menciona outra obra que estava sendo desenvolvida juntamente com *Sapato de Salto*.

Outro momento claro dessa reflexão, pode ser encontrada no último parágrafo deste capítulo, em que ela expressa sua esperança em ter acrescentado algo no que chama de *troca* e anseia por um encontro futuro com o leitor (p. 258). Esse recurso estilístico não só humaniza o autor ao mostrar suas preocupações e aspirações, mas também enriquece a experiência do leitor ao criar um espaço de diálogo e contemplação mútua.

4.2.5. Estilo Linguístico e Tom

O estilo linguístico é marcado pela sua simplicidade e clareza, combinado com uma profundidade poética que confere beleza e significado à narrativa. Fernandes e Martha em seu artigo de teoria literária infantojuvenil, “Caminhos de leitura em *Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga”, asseveram que “a leitura da obra literária, jovens leitores podem, a partir de um código linguístico, desvelar o sentido da realidade que os cerca. Os textos literários, dessa forma, proporcionam o contato com as grandes tensões do pensamento humano.” Logo, uma obra com uma linguagem mais simples, será mais bem apreciada e entendida.

Já o tom da obra varia conforme as necessidades emocionais da história, oscilando entre momentos de leveza e humor e passagens de introspecção e melancolia. Quando Betina, bebê de Paloma, morreu logo depois de nascer, seu irmão Leonardo, sem saber o que havia acontecido, liga para ela para ter notícias.

– Quando me abriram, já foi preciso tentar respiração artificial na Betina.
Silêncio.

Leonardo achou que a voz de Paloma tinha se apagado de vez. Mas, de repente, a voz pegou um novo ímpeto e meio que gritou:

– O resto não foi minha culpa! foi o destino; aconteceu um acidente nessa hora; explodiu um caldeirão de gás perto de onde a gente estava. O Andrea Doria tava na sala de espera junto com o Rodolfo e disse que a explosão foi tremenda, caiu pedaço de parede e tudo, deu um pânico geral, todo mundo saiu correndo, sem saber se era bomba, se o prédio ia cair, se não sei mais o quê. Quando o dr. Rui voltou correndo a Betina já tinha morrido. (p. 149)

A maneira que foi escrita, evidencia toda a tristeza e raiva que Paloma está sentindo. Assim, essa variação tonal permite que a autora capte a complexidade das emoções humanas e mantenha o leitor engajado ao longo da narrativa.

4.3. NARRADOR

No romance *Sapato de Salto*, Lygia Bojunga utiliza um narrador onisciente, que possui conhecimento total sobre as personagens, suas relações e sentimentos. Essa escolha narrativa permite que a autora explore de forma mais profunda as experiências e emoções de suas personagens. O crítico literário norte-americano Wayne Booth, no tratado *A retórica da ficção*, observa que "em qualquer experiência de leitura há um diálogo implícito entre autor, narrador, os outros personagens e o leitor" (Booth, 1980, p. 171 apud Mendes, 2009, p. 26). Esse diálogo cria várias camadas de distanciamento e proximidade na narrativa. "Em resumo, o juízo do autor está sempre presente, sempre evidente a quem saiba procurá-lo" (Booth, 1980, p. 38).

Ainda segundo o crítico, existem cinco tipos possíveis de distanciamento estético:

(I) o narrador pode estar mais ou menos distante do autor implícito, na medida em que este sabe mais por estar 'fora daquele'; (II) o narrador pode estar distante dos personagens; (III) o narrador pode estar distante dos leitores; (IV) o autor implícito pode estar distante do seu leitor; (V) o autor implícito pode estar distante das outras personagens e em companhia de seus leitores (Booth, 1980 apud Mendes, 2009, p. 26).

No caso de *Sapato de Salto*, temos um narrador que é muito próximo à instância autoral. Um exemplo claro dessa proximidade são as notas de rodapé e os comentários que o narrador faz ao longo da obra. No trecho abaixo, Sabrina vê Andrea Doria pela primeira vez:

Nunca tinha visto um outro alguém que ela gostasse assim de olhar. Sentiu um arrepio no braço; *
[...]
*Mas a Sabrina ainda é uma criança: está longe de especular o que que um ser pode fazer o outro se arrepiar. (p. 59)

Outra interferência marcante em nota de rodapé acontece quando Sabrina está começando a ter mais conhecimento sobre a própria família materna:

Queria saber mais de tudo! Mas, mais que tudo, queria saber mais da tia Inês*
[...]
*Mal podia imaginar que poucos dias depois ia saber de muita coisa – mas de maneira tão trágica que era melhor não ter sabido [Inês será assassinada pelo ex-cafetão]. (p. 120)

Sem diferir do tom *geral* da narração, assim como o próprio capítulo metanarrativo "Para você que me lê" – anteriormente analisado – não diferia a voz do narrador da voz da autora, tais inserções geram expectativas, proporcionam uma visão *extra* sobre os eventos e as personagens, enriquecendo a narrativa e criando uma conexão mais íntima e direta com o leitor. Isso faz com que o narrador, que organiza a trama de maneira simpática a sua protagonista Sabrina, não conte apenas a história, mas também produza inúmeras reflexões e contextualizações que ampliam a compreensão do leitor sobre o enredo e os temas abordados,

induzindo-o a uma determinada leitura que a autora do texto, por meio de seu duplo – o narrador – soube preparar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa identificou como as dinâmicas de gênero, juntamente com fatores sociais, culturais e econômicos, moldam as experiências de abuso infantil. A narrativa de Sabrina serve como um microcosmo das realidades enfrentadas por muitas crianças vulneráveis. A análise interseccional proposta demonstra como as experiências de abuso são moldadas por fatores sociais, culturais e econômicos, corroborando a necessidade de uma abordagem integrada nas políticas públicas e na literatura acadêmica. Além disso, a obra de Bojunga oferece uma crítica implícita às leis brasileiras e à sua aplicação, destacando a ineficácia delas na proteção infantil.

Esses resultados respondem eficazmente às perguntas de pesquisa, mostrando como a teoria interseccional pode iluminar as complexidades do abuso infantil e apontando para a necessidade de uma maior consideração das dimensões de gênero e outros marcadores identitários. A pesquisa cumpre seus objetivos ao utilizar a obra como um estudo de caso revelador, proporcionando uma análise detalhada e crítica.

Há relevância nesta pesquisa, pois contribui significativamente para o campo acadêmico ao integrar a teoria interseccional na análise do abuso infantil e ao abordar a eficácia das leis brasileiras. Além de enriquecer a discussão sobre o tema, a pesquisa promove a sensibilização do público quanto à gravidade e prevalência do tema, instigando uma reflexão sobre a responsabilidade coletiva em relação à proteção infantil. Os resultados podem ser utilizados na prática profissional, informando a elaboração de políticas públicas mais eficazes e equitativas.

No entanto, a pesquisa encontrou algumas limitações, incluindo a ausência de uma maior diversidade de vozes e experiências na literatura acadêmica existente, especialmente em relação a grupos marginalizados. A análise das obras de Lygia Bojunga, embora rica, poderia ser complementada por estudos que incluam outras perspectivas culturais e sociais, ampliando o escopo da discussão sobre abuso infantil. Essas limitações podem ter impactado os resultados ao restringir a abrangência das análises e das soluções apresentadas.

Enfim, a principal mensagem desta pesquisa é a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e holística para abordar e mitigar o abuso infantil. A obra, portanto, não é apenas uma narrativa ficcional, mas um convite à reflexão e à ação em prol da proteção e do empoderamento das crianças. Como foi ilustrado no último capítulo da obra quando Sabrina, ao saber que ela e

sua avó seriam adotadas pela Paloma, “se levant[a] num pulo. Abraçou a Paloma; abraçou o Andrea Doria; abraçou a dona Gracinha; correu pro som; botou música; pé, braço, cabelo, corpo, tudo desatou a dançar, celebrando a nova estação de vida que ia começar" (p. 262), sinalizando a esperança de um futuro melhor e mais justo para todas as crianças.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Danielle da Silva. **Dos pés à cabeça:** moda e modos em *Sapato de salto* de Lygia Bojunga. Orientadora: Maria Mirtis Caser. 2017. 118 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/aad5af33-b617-4ddf-8fd9-ea3328908282>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO MMFDH. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Conheça as políticas públicas federais de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes.** [S. l.], 11 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/conheca-as-politicas-publicas-federais-de-enfrentamento-a-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 27 abr. 2024.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO MMFDH. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **População mais informada faz aumentar denúncias de crimes sexuais contra crianças e adolescentes na internet.** [S. l.], 7 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/populacao-mais-informada-faz-aumentar-denuncias-de-crimes-sexuais-contra-criancas-e-adolescentes-na-internet#:~:text=VIOL%C3%8ANCIA%20SEXUAL-,Popula%C3%A7%C3%A3o%20mais%20informada%20faz%20aumentar%20den%C3%BAncias%20de%20crimes,crian%C3%A7as%20e%20adolescentes%20na%20internet&text=Dados%20da%20Ouvidoria%20Nacional%20dos,no%20Brasil%20em%20ambiente%20virtual>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BOJUNGA, Lygia. **Sapato de salto.** 3.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018, 276 p.

BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção.** 1. ed. Lisboa: Arcádia. Trad. por Maria Teresa H. Guerreiro, 1980.

CASA LYGIA BOJUNGA. **Prêmios.** [201-]. Disponível em: https://casalygiabojunga.com.br/?page_id=119. Acesso em: 24 jun. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 17 mai. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, Califórnia, Estados Unidos, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acesso em: 17 mai. 2024.

FERNADES, Camila S.; MARTHA, Alice A. P. **Caminhos de leitura em Sapato de salto, de Lygia Bojunga.** Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, Rio Grande do Sul: PUCRS, 2009. Tema: Literatura Infantil e Juvenil: Práticas Leitoras na Escola. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/CILLIJ/>. Acesso em: 20 maio 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2024.

IAZZETTI, Brume D. Por uma teoria e prática transfeminista interseccional. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 65, n. 2, p. e198229, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/198229>. Acesso em: 22 mai. 2024.

MANTOVANI, Flávia. Brasil sobe em ranking de combate à violência sexual contra crianças, mas falha na prevenção. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 mai. 2023. Causas do ano, p. -. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-social-mais/2023/05/brasil-sobe-em-ranking-de-combate-a-violencia-sexual-contra-criancas-mas-peca-na-prevencao.shtml#:~:text=Pelo%20resultado%20de%202022%2C%20divulgado,Canad%C3%A1%20e%20%C3%81frica%20do%20Sul>. Acesso em: 26 jun. 2024.

MENDES, Celiane. **O projeto autoral de Lygia Bojunga: uma leitura de *A Bolsa Amarela e O Sofá Estampado***. Orientador: Juliana Silva Loyola. 2009. 88 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=165913. Acesso em: 14 mai. 2024.

METANARRATIVA. *In*: E-DICIONÁRIO de Termos Literários. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metanarrativa>. Acesso em: 24 jun. 2024.

NASCIMENTO, Fernanda F.; COSTANDRADE, Pedro Henrique A. C. Políticas Públicas como Forma de Prevenir Abuso Sexual Intrafamiliar Contra Crianças e Adolescentes. **Revista Projeção, Direito e Sociedade**, [S. l.], ano 2016, v. 7, n. 2, p. 1-14, 7 out. 2022. Disponível em: <https://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao2/article/view/730>. Acesso em: 21 abr. 2024.

NASH, Jennifer C. Re-Thinking Intersectionality. **Feminist review**, São Paulo, v. 89, n. 1, p. 1-15, 1 jun. 2008. Disponível em: http://www.dominiohttps://journals.sagepub.com/doi/10.1057/fr.2008.4publico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=165913. Acesso em: 16 mai. 2024.

PEREIRA, Italiene S. Castro. As representações do sapato na polissemia de *Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga. **Horizonte Científico**, Minas Gerais, v. 10, n. 1, 10 jul. 2016. Linguística e Letras, p. 1-23. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/33425>. Acesso em: 16 mai. 2024.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 28 jun. 2024.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm#art361. Acesso em: 28 jun. 2024.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 16 jul. 1990.

Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico.%20ECA. Acesso em: 28 jun. 2024.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 9.970, de 17 de maio de 2000.** Institui o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Brasília, 18 mai. 2000. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19970.htm. Acesso em: 20 jun. 2024.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 11.106, de 28 de março de 2005.** Altera os arts. 148, 215, 216, 226, 227, 231 e acrescenta o art. 231-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal e dá outras providências. Brasília, 29 mar. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111106.htm. Acesso em: 28 jun. 2024.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009.** Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei no 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Brasília, 10 ago. 2009. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=4&data=10/08/2009>. Acesso em: 16 mai. 2024.

OSADA, Neide Mayumi; COSTA, Maria Conceição da. Resenhas: Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment - Patricia Hill Collins.

RECIIS: Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 100-102, jul.-dez. 2008. Disponível em:

<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/17549/12.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 18 mai. 2024.

RIBEIRO, Zeca. Projeto de lei prevê pena de homicídio simples para aborto após 22 semanas de gestação. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 11 jun. 2024. Direitos Humanos, p. -.

Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1071458-projeto-de-lei-preve-pena-de-homicidio-simples-para-aborto-apos-22-semanas-de-gestacao>. Acesso em: 26 jun. 2024.

UNICEF BRASIL; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública: UNICEF Brasil, 2021. Disponível em:

<https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/f504e6ef-1c4a-4aca-b686-3a0eeb00a047>. Acesso em: 28 jun. 2024